

LEMBRANÇAS DA CARTA DE ABC – OS MEMORIAIS COMO PRODUÇÃO DE SABERES PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E DA ALFABETIZAÇÃO

*Josélia Gomes Neves

Resumo – As lembranças constituem importantes dispositivos para as reflexões individuais e coletivas, além de representar uma retomada ao passado podem a partir daí alterar o rumo de eventos presentes. Nesta direção, nossa intenção com este escrito é visibilizar registros produzidos a partir da mobilização da memória referentes ao uso da Carta de ABC no período da alfabetização. Os procedimentos metodológicos levaram em conta a pesquisa bibliográfica, documental em interface com a pesquisa (Auto)biográfica. As leituras dos memoriais de Humberto Campos, Cora Coralina, Graciliano Ramos e Noel Nutels, evidenciam que seus processos de iniciação à educação formal, em casa ou na escola foram mediados pela Carta de ABC. Estas temporalidades educacionais sobre as aprendizagens das primeiras letras no Brasil constituem importantes elementos de interesse da História da Educação e Alfabetização.

Palavras-Chave: Memórias. Carta de ABC. Alfabetização. História da Educação/Alfabetização.

Resumen - Los recuerdos constituyen importantes dispositivos para las reflexiones individuales y colectivas, además de representar una retomada al pasado pueden a partir de ahí alterar el rumbo de eventos presentes. En esta dirección, nuestra intención con este escrito es visibilizar registros producidos a partir de la movilización de la memoria referentes al uso de la Carta de ABC en el período de la alfabetización. Los procedimientos metodológicos tuvieron en cuenta la investigación bibliográfica, documental en interfaz con la investigación (Auto)biográfica. Las lecturas de los memoriales de Humberto Campos, Cora Coralina, Graciliano Ramos y Noel Nutels, evidencian que sus procesos de iniciación a la educación formal, en casa o en la escuela fueron mediados por la Carta de ABC. Estas temporalidades educativas sobre los aprendizajes de las primeras letras en Brasil constituyen importantes elementos de interés de la Historia de la Educación y Alfabetización.

Palabras clave: Memorias. Carta de ABC. Alfabetización. Historia de la Educación/Alfabetización.

Introdução

Os desafios evidenciados no atual cenário educacional, no que diz respeito a aquisição da leitura e da escrita desafia o estudo de temporalidades pretéritas. Enquanto desdobramento da História da Educação engendra um campo do conhecimento, a História da Alfabetização em franca ascensão. Significa dizer que a inquietação com temas do presente, como a permanência da concepção empirista (WEISZ, 2000) no ambiente escolar, ilustrada,

* Doutora em Educação Escolar. Professora na Universidade Federal de Rondônia. Licenciatura em Educação Básica Intercultural e Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática. Líder do Grupo de Pesquisa em Educação na Amazônia (GPEA). joseliagomesneves@gmail.com

sobretudo pelo modelo repetitivo do ba be bi bo bu, amplamente veiculado pelas Cartas de ABC e cartilhas de alfabetização, nos impulsiona a entender melhor estas perspectivas de formação. Além disso, na condição de historiadora pedagógica, avalio que o estudo das Cartas de ABC se justifica e precisa ser aprofundado, pois muitas vezes estes materiais têm sido “[...] relegados pela produção historiográfica [...] a uma situação de desprestígio intelectual e institucional”. (NUNES; CARVALHO, 1993, p. 46). Nesta direção, temos desenvolvido alguns projetos de pesquisa e extensão a respeito das aprendizagens de leitura e de escrita de intelectualidades brasileiras. A intenção tem sido compreender como ocorreu a alfabetização de Graciliano Ramos e de Paulo Freire (NEVES, 2022; 2023). O espaço institucional de produção destas investigações é o Grupo de Pesquisa em Educação na Amazônia (GPEA), por meio da Linha de Pesquisa Alfabetização & Cultura escrita da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Campus de Ji-Paraná.

Nos dois processos de aprendizagem localizamos registros a respeito da Carta de ABC, mas em perspectivas diferentes: no que se refere ao escritor Graciliano Ramos, este material esteve presente de forma muito efetiva em sua história de leitura, como discutiremos mais adiante. O que não ocorreu em relação ao processo de iniciação à educação formal de Paulo Freire, como afirmou o educador pernambucano: “Em lugar de uma enfadonha cartilha ou, o que seria pior, de uma ‘Carta do ABC’, em que as crianças tinham de decorar as letras do alfabeto [...] tive o quintal [...] de minha casa [...] como minha primeira escola”. (FREIRE, 2020, p. 57-58).

A partir destas duas perspectivas resolvemos dar continuidade ao estudo das Cartas de ABC aprofundando um pouco mais as vivências de Graciliano, bem como ampliando a busca por outros memoriais de personalidades da cultura brasileira, que de algum modo fizeram uso deste artefato pedagógico. Este movimento possibilitou o acesso às recordações da alfabetização de Humberto Campos, Cora Coralina e Noel Nutels, que constituiu o principal objeto de discussão deste texto.

A sistematização deste estudo de caráter qualitativo, foi possibilitada pelas leituras bibliográficas em dialogia com a pesquisa documental, com o entendimento que: “Documentos para a educação precisam ser tomados, portanto, na sua mais ampla acepção: escritos, ilustrados, transmitidos pelas imagens, pelo som ou de qualquer outra maneira”. (NUNES; CARVALHO, 1993, p. 33). Neste trabalho, utilizamos imagens de capas das Cartas de ABC, além de análise de conteúdo correspondente, caso do “Método ABC - ensino prático para aprender a ler”. (S/D).

Foi necessário também a adoção da pesquisa (Auto)biográfica, possibilidade metodológica que reconhece as conexões entre as vivências pessoais e os contextos sociais

(NEVES, 2010). Significa dizer, que o acesso a memoriais sobre a alfabetização, embora focalize perspectivas individuais, evidenciam relações com o entorno. Em função disso, podem disponibilizar importantes elementos para compreender as lógicas que sustentaram as percepções sobre o aprender a ler e escrever em determinada época, pois: “O que vamos descobrindo, [...] ao longo do processo, é que as narrativas não são meras descrições da realidade, elas são, especialmente, produtoras de conhecimentos [...]”. (CUNHA, 1997, p. 190). E é esta possibilidade de elaboração de saberes que nos interessa ao adotar a pesquisa (Auto)biográfica.

Assim, este recurso foi necessário tendo em vista a finalidade do presente estudo, que é visibilizar memoriais de alfabetização de Humberto Campos, Cora Coralina, Graciliano Ramos, Noel Nutels e o uso que fizeram da Carta de ABC. O olhar para este material didático popular leva em conta também a sua permanência em pleno século XXI, cuja comercialização ainda acontece nas papelarias (CARVALHO, 2012). Uma situação que suscita reflexões considerando sua longevidade no espaço pedagógico.

Notas introdutórias sobre as Cartas de ABC nas aprendizagens das primeiras letras

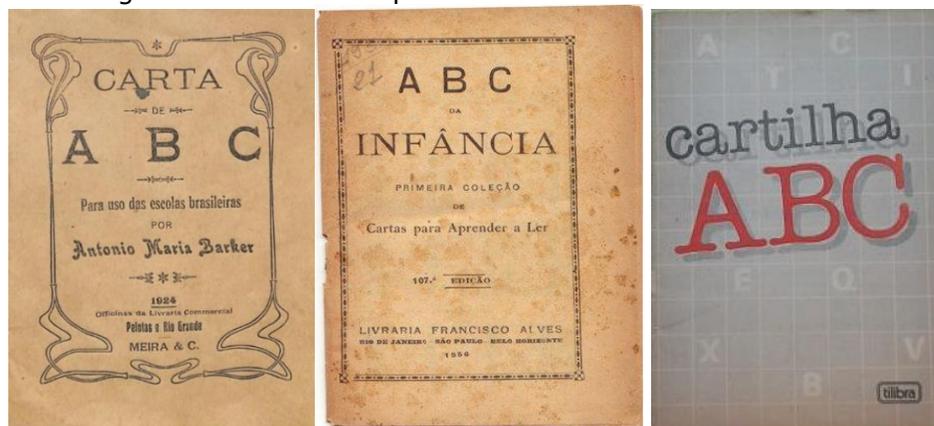
As "cartas de ABC" representam o método mais tradicional e antigo de alfabetização, conhecido como "método sintético": apresenta primeiro as letras do alfabeto (maiúsculas e minúsculas; de imprensa e manuscritas), depois apresenta segmentos de um, dois e três caracteres, em ordem alfabética (a-é-i-ó-u, ba-bé-bi-bó-bu, ai-ei-oi-ui, bai-bei-boi-bui, etc); e, por fim, palavras cujas sílabas são separadas por hífen (An-tão, A-na, An-dei, A-mar; [...]). (GALVÃO, 2000, p. 331).

Ao longo do processo histórico brasileiro, as Cartas de ABC fizeram parte de diferentes experiências de aquisição da leitura (ALCÂNTARA, 2022). A busca por memoriais que comprovem esta constatação, representa a possibilidade de ampliar o campo de saberes da História da Educação/Alfabetização. Constitui uma importante fonte de conhecimento por disponibilizar informações sobre o uso das Cartas de ABC, materiais educacionais que surgiram a partir da expansão europeia:

Devido ao crescimento das trocas comerciais e da burguesia, em todo o século XVI, há uma crescente preocupação em ensinar a língua da corte aos povos colonizados com um interesse muito grande também de proteger a fé católica diante da ameaça crescente do protestantismo. Estas questões exigiam novas formas de organizar o aprendizado da língua escrita. Emerge daí as Cartas de ABC [...]. No Brasil, foi bastante utilizado, mesmo quando já se dispunha das cartilhas mais elaboradas [...]. (VIEIRA, 2017, p. 71).

A busca por Cartas de ABC possibilita a exibição de capas deste material mediador do ensino da leitura. Embora haja poucas pistas sobre sua produção e veiculação, caso das imagens que seguem, exceto a 1ª imagem que trata da Carta de ABC de Antonio Maria Barker (PERES, 2020), recurso adotado no ensino da leitura no sul brasileiro em 1924, avaliamos que esta escassez representa uma provocação para a pesquisa no campo da História da Educação.

Figura 1 – Diversas capas de Cartas ou Cartilhas de ABC.



Fonte: Internet

A nosso ver, uma das Cartas de ABC mais conhecidas no contexto brasileiro é o “Método ABC - ensino prático para aprender a ler”, popularizado juntamente com outro livreto, a Tabuada. Embora não apresente dados de autoria e ano da publicação, a leitura do conteúdo deste material permitiu compreender que a 1ª Carta contém 108 sílabas para memorização, média observada até a 9ª Carta.

Figura 2 – “Método ABC - ensino prático para aprender a ler”.



Fonte: Docero.

Este quantitativo de cerca de mil sílabas para decorar nos aproxima das percepções do escritor Graciliano Ramos que classificava estas etapas como algo repetitivo e tedioso: “Aquela velha carta de ABC dava arrepios. [...]. Suportávamos esses horrores como um castigo e inutilizávamos as folhas percorridas, esperando sempre que as coisas melhorassem. Engano:[...]; o exercício da soletração, cantado, embrutecia a gente [...]”. (RAMOS, 1994, p. 170). O quadro abaixo evidencia como essa distribuição era feita e as demandas de cada lição para o exercício desgastante da memorização:

Quadro I – Conteúdo do Método ABC

Ordem	Atividades	Pág.
01	Alfabeto - letras maiúsculas de imprensa	1
02	Vogais minúsculas e Consoantes minúsculas - letras de imprensa	2
03	Alfabeto - letras maiúsculas cursivas	3
04	Alfabeto - letras minúsculas cursivas	4
05	Numerais de 1 a 9	4
06	Primeira Carta – Monossílabos: Ba be bi bo bu e assim por diante em ordem alfabética.	5
07	Segunda Carta – Monossílabos: Bai bei boi bui e assim por diante em ordem alfabética.	6
08	Terceira Carta – Monossílabos: Bal bel bil bol bul e assim por diante em ordem alfabética.	7
09	Quarta Carta – Monossílabos: Bar ber bir bor bur e assim por diante em ordem alfabética.	8
10	Quinta Carta – Monossílabos: Bas bes bis bos bus e assim por diante em ordem alfabética.	9
11	Sexta Carta – Monossílabos: Ban ben bin bon bun e assim por diante em ordem alfabética.	10
12	Sétima Carta – Monossílabos: Bla ble bli blo blu e assim por diante em ordem alfabética.	11
13	Oitava Carta – Monossílabos: Fão gão jão lãõ mão ...	12
14	Nona Carta – Dissílabo: Ba-bo be-bo bi-co bo-la ...	13
15	Nona Carta – Dissílabo: Ni-lo nin-ho nu-vem nu-lo ...	14
16	Os cinco sons de x; sinais de pontuação e sinais ortográficos ...	15
17	Exercício baba bebe bife bolo bule ...	16

Sistematização da Autora.

Como é possível observar, a 9ª Carta apresenta 24 palavras dispostas em ordem alfabética e formadas por sílabas possivelmente estudadas nas cartas anteriores marcadas pelo uso do hífen, marca da soletração. Uma situação que faz lembrar uma afirmação da pesquisadora construtivista Telma Weisz, sobre este tipo de atividade caracterizado pela memorização extrema: “No passado, era considerado alfabetizado quem sabia fazer barulho com a boca diante de palavras escritas. Só então se estudava Língua Portuguesa e gramática. [...] isso dissocia a aquisição do sistema das práticas sociais de leitura e escrita”. (WEISZ, 2016, p. 1). Significa dizer que o ato de decorar fragmentos silábicos constituía uma etapa inicial interpretada como aquisição da técnica e depois outra, caracterizada pela atribuição de sentidos, concepção ainda sustentada na atualidade sob nova roupagem.

Após as atividades de memorização, o impresso apresenta temas referentes às regras da língua portuguesa, tais como: os sons do x, introdução aos sinais de pontuação e sinais ortográficos, seguidos de uma espécie de revisão de leitura, organizados em uma lista de palavras, como: “baba bebe bife bolo bule”.

De modo geral, a estrutura desta Carta de ABC pela semelhança com outras, dispensava explicações complementares, uma vez que: “[...] o material não trazia em suas páginas o comando sobre o que deveria ser feito, isto é, não estava explícito quem deveria fazer a leitura. Simplesmente as letras e sílabas estavam expostas e demandavam intervenções do docente. [...]”. (SANTOS; FERREIRA, 2020, p. 269).

Entre lembranças e aprendizagens - as Cartas de ABC nas aprendizagens das primeiras letras

Carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura; a memória, às vezes difusa, às vezes nítida, clara, de ruas da infância, da adolescência; a lembrança de algo distante que, de repente, se destaca límpido diante de nós, em nós, [...]. (FREIRE, 1993, p.16-17).

A literatura autobiográfica de escritores e escritoras do país, evidencia aspectos de como aconteceu o processo de aprendizagem da leitura na Primeira República (1889-1929), já que o termo alfabetização até os anos sessenta não era utilizado. A esse respeito, citamos o maranhense Humberto Campos, nascido em 1886, no final do período imperial. De acordo com a obra “Memórias e Memórias inacabadas”, ele aprendeu a ler no final do século XIX por meio deste material pedagógico:

Foi em 1894, já nos últimos meses, que iniciei, em Parnaíba, a minha instrução primária. [...] surgiu em mim o desejo de aprender. [...]. E de tal maneira que, estando a realizar-se por esse tempo, o novenário da Senhora da Graça, que era a mais animada festa católica da cidade, eu preferia deixar-me ficar em casa, à noite, com a minha carta de ABC [...] ficava eu, com a minha mãe, na sala de jantar, à claridade do lampião de querosene, curvado sobre o abecedário encardido [...]. (CAMPOS, 2009, p. 103).

O relato de Humberto Campos explicita fragmentos de sua iniciação ao saber formal, por um processo mediado pela Carta de ABC que era também identificada como abecedário, devido a sequência das letras em ordem alfabética, produzida a partir de um papel específico. Observamos que estas lembranças se aproximam das memórias nostálgicas de Cora Coralina, pseudônimo adotado por Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas.

A referida escritora nasceu em 1889 no estado de Goiás, alguns de seus escritos evidenciam marcas de sua trajetória: “Procuro minha escola primária e a sombra da velha mestra, com seu imenso saber [...]. Quanto daria por um daqueles velhos bancos onde me sentava, a cartilha de ‘ABC’ nas minhas mãos de cinco anos [...]”. (CORA CORALINA, 2012,

p. 31). Os versos evidenciam vestígios de um tempo escolar do período republicano - da instituição, da docência e do material pedagógico adotado.

Outro autor conhecido pelo uso da Carta de ABC, já mencionado anteriormente, é Graciliano Ramos. Ele nasceu na transição entre o século XIX e XX, em 1892, no estado de Alagoas. É no livro “Infância” que descreve e analisa um conjunto de elementos que marcaram sua caminhada na aprendizagem da leitura através do livreto que era comercializado na loja de seu pai: “Achava-me empoleirado no balcão, abrindo caixas e pacotes [...]. Demorei a atenção nuns cadernos de capa enfeitada por três faixas verticais, borrões, nódoas cobertas de riscos semelhantes aos dos jornais e dos livros”. (RAMOS, 1994, p. 103-104).

Pelas características apresentadas – a comercialização do livreto que ocorria tanto em papelarias como em lojas de produtos variados, as letras parecidas com aquelas do jornal, o tipo de papel, por exemplo, evidenciam que se trata de uma Carta de ABC.

Os estudos apontam registros da circulação deste impresso no Brasil desde 1889 (PERES, 2020; FIGUEIRÊDO, 2010). Dentre outros aspectos, foi possível saber que “Este material iniciava com a apresentação das letras, em seguida as famílias silábicas e, por fim, frases moralizantes”. (SOARES, 2015, p. 25). Sequência observada em outros folhetos semelhantes.

Os escritos de Graciliano Ramos contribuem para o conhecimento de uma importante característica deste material, a sua variedade. Significa dizer que não havia apenas uma Carta de ABC, mas várias versões. O escritor evidencia isso, ao descrever as faixas verticais que tinham na capa do livreto, além da sequência de máximas morais que se presentificavam nas últimas lições. Em função disso, inferimos que se trata da “Nova Carta do ABC” de Landelino Rocha.

Figura 3 - Foto de Landelino Rocha e registros da “Nova Carta de A-B-C”



Fonte: Internet

E em outra obra, o tema é retomado: “Não recebi novo folheto, daqueles que se vendiam a cem réis e **tinham na capa três faixas e letras quase imperceptíveis**” (RAMOS, 2003, p. 110, grifo nosso).

A “Nova Carta de ABC” foi sistematizada pelo professor Landelino Rocha em 1924 através da Editora Uniart, na cidade do Recife, estado do Pernambuco. Como outros livretos deste tipo, apresentava as atividades por meio da sequência: letras, sílabas e sentenças moralizantes. Como se pode observar desde a capa, os fragmentos silábicos eram marcados intencionalmente por meio do hífen como indicador da soletração (DE SOUZA, 2008; FRADE, 2012; SOARES, 2015).

Infelizmente não foi possível localizar a “Nova Carta do ABC” de Landelino Rocha nos repositórios digitais e/ou impressos, o que evidencia certo desprestígio na direção deste tipo de material escolar, o que confirma que: “[...] as cartilhas, os ‘livros de leitura’, as primeiras aritméticas etc. – têm sido freqüentemente abandonados e destruídos por aqueles que os consideram objetos inúteis, destituídos de valor”. (PFROMM NETO; ROSAMILHA; DIB, 1974, p. 154).

Outro memorial que consideramos também nesta sistematização, foi o de Noel Nutels, médico sanitário e indigenista, que nasceu em 1913. Ele fez uso dos dois livretos que provavelmente eram utilizados simultaneamente: “ABC e tabuada eram as matérias das nossas aulas. Ambas eram lidas em voz alta dentro de um cantochão específico”. (HOUAISS, 1974, p. 18). O relato permite constatar a presença efetiva da Carta de ABC na Primeira República (1889-1930), período que se caracterizou também pela busca de desvencilhar-se do contexto político anterior, mas que nem sempre era alcançado: “As escolas primárias republicanas continuaram precárias, com falta de materiais, permanecendo os métodos associados às cartas de ‘ABC’”. (SANTOS; ROCHA, 2018, p. 178).

Assim, as Cartas de ABC ou Cartas do ABC, mencionadas na literatura autobiográfica de tantas personalidades conhecidas, foram recursos impressos em formato de livreto cuja finalidade era propiciar uma iniciação às aprendizagens iniciais da escrita e da leitura. O mais provável era que quem aprendia a ler por meio da Carta de ABC se tornasse um potencial “professor” de leitura e assim sucessivamente. Concordamos que este formato representava uma forma de precarização docente, uma vez que: “[...] que qualquer um de posse do guia, das orientações, podia alfabetizar, bastava seguir a sequência correta da carta, apresentar o que fosse necessário e ‘tomar’ a lição dos alunos, a fim de verificar se a memorização foi efetivada ou não”. (SANTOS; FERREIRA, 2020, p. 270). Uma prática que efetivamente ocorreu conforme aponta o memorial de Graciliano Ramos (2003) que aprendeu a ler por meio da mediação de seu pai e de Mocinha.

Considerações Finais

O objetivo deste texto foi visibilizar fragmentos de memoriais de Humberto Campos, Cora Coralina, Graciliano Ramos e Noel Nutels sobre o uso da Carta de ABC no período da alfabetização por meio da pesquisa bibliográfica, documental e (Auto)biográfica com vistas a contribuir para a História da Educação/Alfabetização.

O estudo possibilitou a compreensão que a popularização das Cartas de ABC ocorreu pelo fácil acesso disponibilizado por comércios e papelarias, bem como pelo baixo custo deste material considerando o tipo de papel utilizado para a sua produção. Do ponto de vista pedagógico, se estruturava por meio do binômio repetição/memorização, pilares do modelo didático diretamente relacionado à pedagogia tradicional, assim como na utilização do método sintético que envolvia a apresentação sequencial de letras/sílabas/palavras e sentenças, a nosso ver, aspectos que contribuíram para a sua disseminação.

Deste modo, as Cartas de ABC são fontes históricas plurais que evidenciam características de uma política educativa, através de um conjunto de experiências que têm desafiado o tempo e as interpretações teóricas, justamente por sua longevidade.

Referências

- ALCÂNTARA, Paulo Basílio de. **O direito à educação escolar para mulheres negras (Rio Grande do Norte, 1931-1964)**. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN, 2022.
- CAMPOS, Humberto de. **Memórias e Memórias inacabadas**. São Luís: Geia, 2009.
- CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- CORA CORALINA. **Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha**. São Paulo: Global, 2012.
- CUNHA, Maria Isabel da. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Rev. Fac. Educ.** vol. 23 n. 1-2 São Paulo jan./dec. 1997.
- DE SOUZA, José Nicolau. Que educação escolar no meio rural do Rio Grande do Norte (1940-1980)? **Revista Educação em Questão**, v. 31, n. 17, enero-abril, pp. 129-160, Natal, 2008.
- FIGUEIRÊDO, Franselma Fernandes de. **Aquelas leituras formadoras de culturas** (Caicó-RN, século XIX). 206f. Tese (doutorado em Educação) Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal-RN, 2010.
- FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. As configurações gráficas de livros brasileiros e franceses para ensino da leitura e seus possíveis efeitos no uso dos impressos (séculos XIX e XX). **Revista Brasileira de História de Educação**, Campinas-SP, v. 12, n. 2 (29), p. 171-208, maio/ago. 2012.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

- FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**: reflexões sobre a minha vida e a minha práxis. Digital. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Processos de inserção de analfabetos e semi-alfabetizados no mundo da cultura escrita (1930-1950). **Revista Brasileira de Educação**. jan/abr, n. 16, p. 81-94, 2001.
- HOUAISS, Antônio (org.) **Noel Nutels**: memórias e depoimentos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.
- METODO ABC - ensino prático para aprender a ler. Caderbrás. Indústria brasileira. Disponível em: <https://doceru.com/doc/ne505sc> Acesso em: 23 mai. 2023.
- NEVES, Josélia Gomes. Cultura escrita e narrativa autobiográfica: implicações na formação docente. In: CAMARGO, M. R. R. M., (org.). **Leitura e escrita como espaços autobiográficos de formação**. São Paulo: Editora UNESP; Cultura Acadêmica, 2010.
- NEVES, Josélia Gomes. Paulo Freire: um olhar para a história de alfabetização do Educador da liberdade. **Cadernos de História da Educação**, [S. l.], v. 22, n. Contínua, p. e176, 2023. DOI: 10.14393/che-v22-2023-176.
- NEVES, Josélia Gomes. Infância: um olhar para a história de alfabetização de Graciliano Ramos. **Educação: Teoria e Prática**, [S. l.], v. 32, n. 65, p. e05[2022], 2022.
- NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **Historiografia da Educação e fontes**. Cadernos da Anped, n. 5, Porto Alegre, 1993.
- PERES, Eliane. Carta de ABC, de Antonio Maria Barker (Livraria Commercial, Pelotas, 1924). **Rev. HISTEDBR** On-line. Campinas, SP v.20, 2020.
- PFROMM NETO, Samuel; ROSAMILHA, Nelson; DIB, Cláudio Zaki. **O livro na Educação**. Rio de Janeiro: Primor/INL, 1974.
- RAMOS, Graciliano. **Infância**. 29. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1994.
- RAMOS, Graciliano. **Linhas tortas**. Obra póstuma. 18 ed. São Paulo: Record, 2003.
- SANTOS, Priscila Angelina Silva da Costa; FERREIRA, Andréa Tereza Brito. O livro de alfabetização de jovens e adultos – Ontem e hoje: O que pensam os alunos? In: **Práticas de alfabetização**: processos de ensino e aprendizagem. [Recurso eletrônico]. CABRAL, Ana Catarina dos Santos Pereira. Recife: Ed. UFPE, 2020. p. 261-274.
- SANTOS, Sônia Maria dos; ROCHA, Juliano Guerra. **História da alfabetização e suas fontes**. Uberlândia: EDUFU, 2018.
- SOARES, Alvina Maciel. **Recursos Didáticos na Educação de Jovens e Adultos**. 59f. Monografia (Pedagogia). Universidade Federal Fluminense. Angra dos Reis-RJ, 2015.
- VIEIRA, Zeneide Paiva Pereira. **Cartilhas de alfabetização no Brasil**: um estudo sobre trajetória e memória de ensino e aprendizagem da língua escrita. 197f. Tese (Doutorado em Memória: Linguagem e Sociedade) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2017.
- WEISZ, Telma. **A aprendizagem nunca termina**. 2016. Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/a> Acesso em: 12 mai. 2021.
- WEISZ, Telma. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2000.